

Cardoso, Adriana & Alexandre, Nélia. (2013). Relativas clivadas em variedades não *standard* do português europeu. In F. Silva; I. Falé & I. Pereira (orgs.). *Textos Seleccionados do XVIII ENAPL 2012*, Porto: APL. 205-227.

Relativas clivadas em variedades não *standard* do PE¹

Adriana Cardoso & Nélia Alexandre²

(CLUL/ESELx, CLUL)

Abstract: European Portuguese is the only Romance language displaying an *é que*-cleft structure, *i.e.* a strategy in which the focused constituent is fronted followed by *é que* ‘is that’. The analysis of data from the *corpus* CORDIAL-SIN shows that some non-*standard* varieties of European Portuguese exhibit a kind of mixed relative clause strategy that combines relativization with *é que*-clefting, typed here as cleft relative clauses. Assuming a head-raising analysis of relative clauses, we take *é que* in cleft relatives to be not a lexicalization of C° but a copula verb that selects a small clause whose subject is empty and whose predicate is a full clause (more precisely, a CP introduced by *que*). It is from this CP domain that the antecedent of the relative clause is extracted.

Keywords/palavras-chave: cleft relatives, relative clauses, clefts, non-*standard* varieties, *corpus* CORDIAL-SIN / relativas clivadas, orações relativas, clivadas, variedades não *standard*, *corpus* CORDIAL-SIN.

0. Introdução

O português europeu *standard* (PES) exibe um tipo de construção clivada que não se encontra em mais nenhuma língua românica: a ‘pseudo-clivada invertida de *é que*’ (cf. Costa & Duarte, 2001; Ambar, 2005), como em (1). Nesta construção, o constituinte clivado precede o verbo copulativo e é interpretado como foco contrastivo (cf. Ambar, 2005; Lobo, 2006).

(1) O livro **é que** o João comprou.

Em PES, as estruturas clivadas também podem ocorrer associadas a elementos-wh interrogativos, dando origem às chamadas ‘interrogativas-wh focalizadas’ (Duarte, 2000) ou ‘interrogativas-wh clivadas’ (Ambar, 2005), como em

¹ Agradecemos à audiência do *XXVIII Encontro da APL*, aos três revisores anónimos do texto e ainda a Ana Maria Martins, Inês Duarte e Telmo Mória pelos comentários e sugestões feitos.

² Financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através da bolsa de pós-doutoramento SFRH/BPD/67241/2009.

(2). Na literatura, assume-se que as interrogativas-wh envolvem foco e que os sintagmas-wh são elementos focalizadores (Ambar & Veloso, 2001). Como tal, quando estas se encontram associadas a *é que*, atribui-se maior ênfase ao elemento-wh.

(2) Quem **é que** o João encontrou?

Surpreendentemente, nas variedades não *standard* do português (VNSP), verificamos que tanto as relativas com antecedente (em (3)), como as sem antecedente expresso (em (4)) podem ser clivadas (*i.e.*, também podem ocorrer com *é que*)³.

(3) Mas antigamente só havia aqui um senhor que **é que** tinha muitas abelhas.
(CORDIAL-CTL)

(4) Quem **é que** tinha matado aquele bicho casava com a filha. (CORDIAL-PIC)

Na literatura surgem referências a construções similares em Português do Brasil (PB) (5) e em Francês (6), ainda que não exista nenhuma proposta concreta de análise para estas construções:

[PB]

(5) mas tem muitas pessoas que **é que** vai realmente na escola não prá aprende prá fica falando um do outro. (Alexandre, 2006, p. 109)

[Francês]

(6) La ville où **est-ce qu'il** vit c'est Paris.
(Munaro & Pollock, 2005, p. 576)

Partindo dos dados de VNSP disponíveis no *corpus* CORDIAL-SIN, nesta comunicação procuraremos:

- (i) Apresentar a distribuição geográfica das relativas clivadas no território português.

³ A referência à ocorrência destas construções no CORDIAL-SIN já foi notada por Cardoso (2007), Costa e Lobo (2009) e Vercauteren (2010).

- (ii) Descrever as propriedades sintático-semânticas e discursivas das relativas clivadas.
- (iii) Propor uma análise sintática que dê conta das propriedades desta construção.

Na secção 1. apresentaremos brevemente o *corpus* CORDIAL-SIN, a metodologia de extração dos dados e a distribuição geográfica das relativas clivadas nos dialetos do Português Europeu (PE). Na secção 2. analisaremos as propriedades sintático-semânticas das relativas clivadas das VNSP, considerando os diferentes morfemas-wh que nelas ocorrem. Na secção 3. faremos uma abordagem a algumas propriedades discursivas das relativas clivadas com e sem antecedente expresso. Na secção 4. proporemos uma análise unificada para as relativas clivadas com e sem antecedente expresso nas VNSP e verificaremos as predições da análise proposta. Finalmente, na secção 5., assinalaremos as questões que ficam, por agora, em aberto.

1. Distribuição geográfica das relativas clivadas

1.1. O *corpus* considerado

O presente trabalho tem como base empírica o CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*⁴, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Este *corpus* é composto por um conjunto geograficamente representativo de excertos de discurso espontâneo ou semidirigido e, na sua versão atual, contém cerca de 600 000 palavras, correspondentes a cerca de 68 horas de registo sonoro, abrangendo 42 localidades ou microrregiões do território português.⁵

1.2. Metodologia

Para extrair do *corpus* os dados relevantes, foram realizadas concordâncias a partir do *corpus* anotado por palavra, de acordo com o esquema abaixo:

⁴ Para uma descrição detalhada do projeto, bem como para acesso ao *corpus* online, veja-se: <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/212-cordial-sin-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects>.

⁵ A origem geográfica dos exemplos extraídos do CORDIAL-SIN é identificada por um código de três maiúsculas identificadoras da localidade no *corpus* – cf. lista no Anexo 1.

*morfema relativo + forma do verbo ser + que*⁶

De forma a constituir um subcorpus formado apenas por orações relativas, as concordâncias foram analisadas e foram excluídas orações exclamativas, interrogativas diretas, interrogativas indiretas⁷, sequências abandonadas, sequências que envolvem dúvidas de audição e sequências de interpretação duvidosa.

Neste trabalho, considerámos, portanto, 124 orações relativas clivadas (com e sem antecedente expresso), introduzidas pelos morfemas-wh *que*, *quem*, *onde*, *o que*, *quando* e *como* (cf. Móia, 2001). A distribuição das ocorrências absolutas de relativas clivadas por morfema-wh é apresentada na Tabela 1. Como se pode observar, o morfema *(a)onde* é o que apresenta mais ocorrências nestas construções.

| Morfema relativo | Ocorrências |
|-----------------------|-------------|
| <i>que</i> | 18 |
| <i>quem</i> | 3 |
| <i>(a)onde</i> | 71 |
| <i>o que</i> | 1 |
| <i>quando</i> | 25 |
| <i>como</i> | 6 |
| TOTAL | 124 |

Tabela 1. *Frequência absoluta de relativas clivadas por morfema relativo*

1.3. Distribuição geográfica

A análise da distribuição geográfica das relativas clivadas permite concluir que esta construção se encontra dispersa por todo o território português. Como se pode observar na Figura 1, das 42 localidades que integram o CORDIAL-SIN, apenas 14 não exibem esta construção. Constata-se ainda que existe claramente uma zona no sul do país — mais especificamente no Alentejo — em que as relativas clivadas não se encontram atestadas.

⁶ Na extração de concordâncias foi usado o programa *Concordance* 3.3, July 2009 (@ R.J.C. Watt 1999-2009).

⁷ Para distinguir as relativas clivadas das interrogativas indiretas, baseámo-nos nos critérios propostos em Móia (1992).

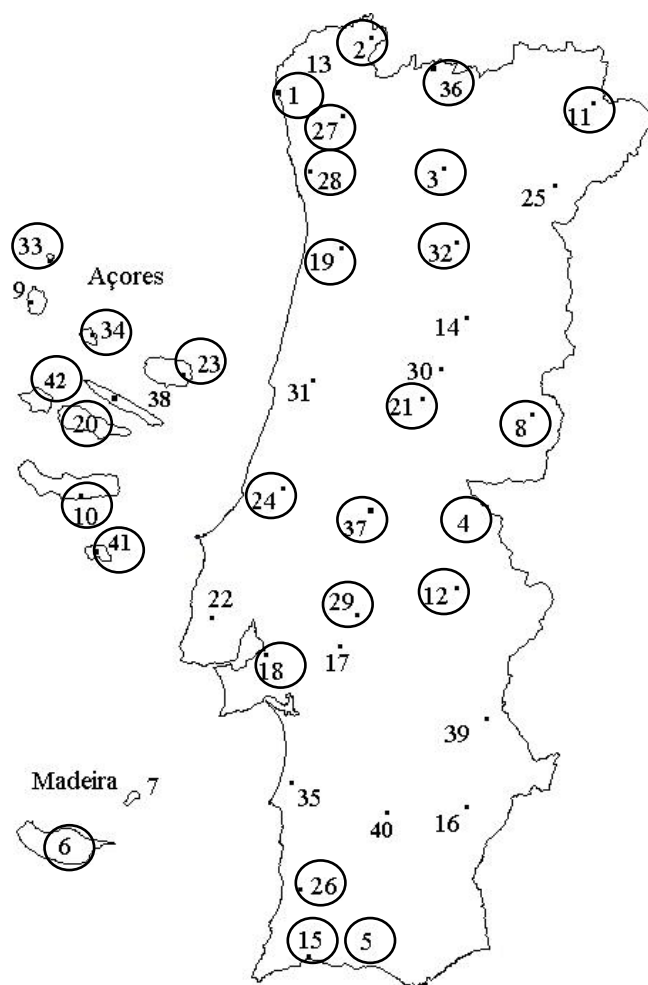


Figura 1. *Distribuição geográfica das relativas clivadas nos dialetos do PE*

Legenda:

○ relativas clivadas

A Figura 2 apresenta a distribuição geográfica das relativas clivadas tendo em conta o número absoluto de ocorrências. Destacadas com circunferência a negrito encontram-se as 3 localidades (pontos 1, 18 e 5) em que foram atestadas 10 ou mais ocorrências desta construção. Dada a dispersão geográfica destas localidades, concluímos que não existe, de facto, uma zona específica a que este fenómeno esteja adstrito.

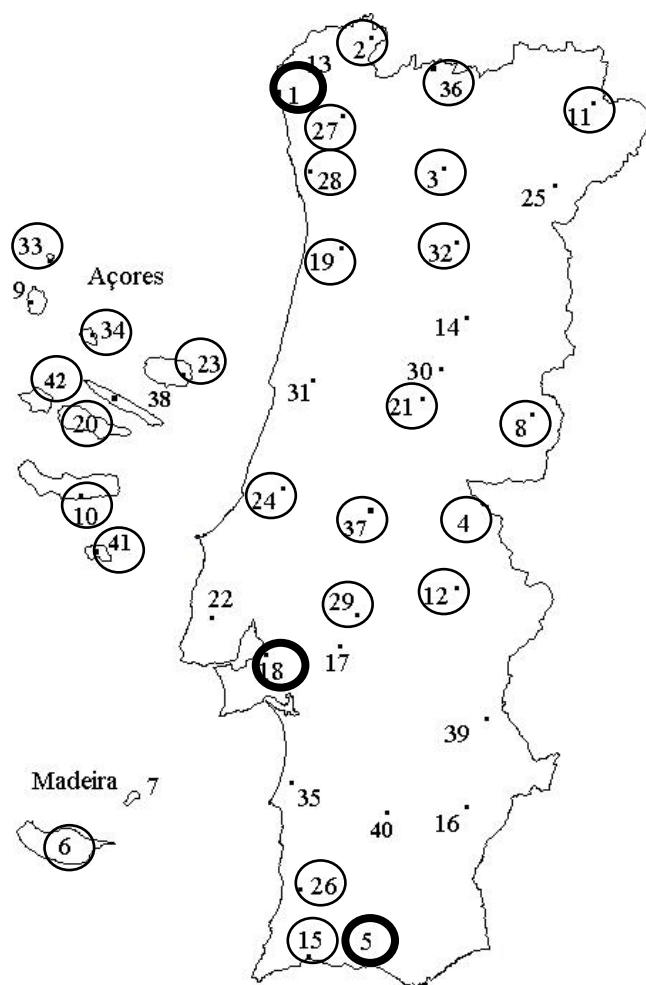


Figura 2. *Distribuição das relativas clivadas nos dialetos do PE: número absoluto de ocorrências*

Legenda:

- 1-10 ocorrências de relativas clivadas
- >10 ocorrências de relativas clivadas

Ainda no âmbito de uma abordagem quantitativa, procurámos apurar a representatividade das relativas clivadas face às relativas não clivadas no CORDIAL-SIN. Para o efeito, foram seleccionadas as 3 localidades com 10 ou mais atestações de relativas clivadas e foram analisadas todas as orações relativas (clivadas e não clivadas) introduzidas por *onde* (que, conforme se observou na Tabela 1, é o morfema que ocorre com mais frequência nas relativas clivadas do CORDIAL-SIN). Como se pode observar na Tabela 2, a frequência de relativas clivadas é bastante expressiva nestas 3 localidades, situando-se acima dos 67%.

| | relativas não clivadas | relativas clivadas | Total | % de relativas clivadas |
|------------|-----------------------------------|-------------------------------|--------------|------------------------------------|
| VPA | 5 | 13 | 18 | 72% |
| ALC | 8 | 17 | 25 | 68% |
| PAL | 1 | 11 | 12 | 92% |

Tabela 2. *Frequência de relativas clivadas e não clivadas introduzidas por onde em 3 localidades do CORDIAL-SIN*

Ainda que parciais, estes dados são bastante interessantes, dado que nos mostram, em primeiro lugar, que as relativas clivadas coexistem com as relativas não clivadas numa mesma localidade e, em segundo lugar, que, pelos menos nestas três localidades, a construção “não *standard*” parece ser preferida pelos falantes.

2. Propriedades sintático-semânticas das relativas clivadas

Tal como já referido em trabalhos anteriores (cf. Cardoso, 2007; Vercauteren, 2010), as relativas clivadas podem corresponder a relativas com antecedente expresso (restritivas ou apositivas) e a relativas sem antecedente expresso.

A distribuição das relativas clivadas do CORDIAL-SIN pelos diferentes tipos de oração relativa acima mencionados é apresentada na Tabela 3. A leitura destes dados permite-nos concluir que as relativas clivadas sem antecedente expresso são mais frequentes no *corpus* do que as relativas com antecedente expresso.

| | | morfemas relativos | | | | | | Total |
|------------------------|-------------|---------------------------|-------------|------------|----------------|---------------|-------------|--------------|
| | | <i>o que</i> | <i>quem</i> | <i>que</i> | <i>(a)onde</i> | <i>quando</i> | <i>como</i> | |
| com antecedente | restritivas | -- | -- | 4 | 11 | -- | 1 | 16 |
| | apositivas | -- | -- | 14 | 11 | -- | -- | 25 |
| sem antecedente | | 1 | 3 | -- | 49 | 25 | 5 | 83 |

Tabela 3. *Relação entre morfema relativo e tipo de relativa clivada*

De (7) a (16) são apresentados exemplos de relativas clivadas (com e sem antecedente expresso) para cada morfema-wh.

que

[com antecedente expresso, restritiva]

- (7) INF2 Um lombozinho.

INF1 diferente da outra terra **que é que** se andava a cultivar. (CORDIAL-CBV)

[com antecedente expresso, apositiva]

- (8) ela é mais velha de que eu um ano, a minha colega, **que é que** aprendeu mas foi por alto. (CORDIAL-STE)

quem

[sem antecedente expresso]

- (9) Quem **é que** tinha matado aquele bicho casava com a filha. (CORDIAL-PIC)

(a)onde

[com antecedente expresso, restritiva]

- (10) há quem tenha os seus aparelhos na casa **onde é que** dorme. (CORDIAL-VPA)

[com antecedente expresso, apositiva]

- (11) Nos favais, aonde **é que** isso carrega, isso dá cabo até dum faval. (CORDIAL-CBV)

[sem antecedente expresso]

- (12) todos vão empregar aquela palavra aonde **é que** não faz sentido, aonde **é que** não tem lugar. (CORDIAL-PAL)

o que

[sem antecedente expresso]

- (13) Portanto, o **que é que** cai é a neve e da neve faz água. (CORDIAL-ALV)

quando

[sem antecedente expresso]

- (14) Quando **é que** fazem lá o acto, nós vamos a Vilar ver. (CORDIAL-STA)

como

[com antecedente expesso, restritiva]

- (15) mas eu não sei o nome como **é que** davam a uma vaca assim⁸. (CORDIAL-MIG)

[sem antecedente expesso]

- (16) Alimpavam-na como **é que** é limpo o trigo. (CORDIAL-CRV)

No CORDIAL-SIN regista-se ainda a ocorrência de relativas clivadas extrapostas, como em (17) e (18), e relativas clivadas combinadas com outras estratégias de clivagem, como pseudoclivadas ((19)-(20)) e pseudoclivadas invertidas ((21)-(22)).

- (17) Fazia-se ali uma, onde **é que** está uma 'chaparra'. (CORDIAL-ALC)

- (18) E depois lá o patrão mesmo onde **é que** eu trabalhava - ele até fazia teares (CORDIAL-LUZ)

[com pseudoclivadas]

- (19) A cagarra onde **é que** vai ver o peixe é de dia, não é de noite. (CORDIAL-CLC)

- (20) Onde **é que** está mais encapelado, em geral, é nas pontas. (CORDIAL-VPA)

[com pseudoclivadas invertidas]

- (21) E nas pontas é onde **é que** o mar se encapela mais. (CORDIAL-VPA)

- (22) No ninheiro é onde **é que** ela costuma a pôr. (CORDIAL-PAL)

3. Propriedades discursivas das relativas clivadas

Nesta secção propomos que as relativas clivadas se distinguem das não clivadas pelo facto de exprimirem identificação exaustiva. Para o efeito, consideraremos separadamente as propriedades discursivas das relativas clivadas com antecedente expesso (cf. secção 3.1.) e sem antecedente expesso (cf. secção 3.2.).

⁸ Note-se que em (15) o próprio uso do morfema-wh *como* é não *standard*.

3.1. Relativas clivadas com antecedente expresso

Para as relativas clivadas com antecedente expresso, a hipótese que propomos é a de que o antecedente expressa identificação exaustiva, sendo interpretado como foco identificacional (Kiss, 1998).

Assim, o significado de frases como (23a) e (24a) pode ser parafraseado, respetivamente, como em (23b) e (24b).

(23) a. Mas antigamente só havia aqui um senhor que **é que** tinha muitas abelhas.
(CORDIAL-CTL)

b. ‘de um conjunto contextual e situacionalmente relevante de pessoas, é verdade que o senhor X e mais nenhum outro tinha muitas abelhas.’⁹

(24) a. ela é mais velha de que eu um ano, a minha colega, que **é que** aprendeu mas foi por alto. (CORDIAL – STE)

b. ‘de um conjunto contextual e situacionalmente relevante de pessoas, é verdade que a colega X e mais nenhuma outra aprendeu.’

Note-se que as relativas não clivadas com antecedente expresso não têm esta interpretação. Se se aplicar o teste de identificação exaustiva proposto por Szabolcsi (1981, *apud* Kiss, 1998, p. 250), baseado no contraste entre duas frases (em que uma exibe como antecedente da relativa um sintagma coordenado e outra apenas o primeiro membro coordenado), conclui-se que (25) não contradiz (27), mas (26) contradiz (27), dado que tanto em (26) como em (27) o elemento focalizado (*o senhor* e *o senhor e a senhora*, respetivamente) exprime identificação exaustiva.

[relativa com antecedente expresso, restritiva sem *é que*]

(25) O senhor que assaltou o armazém fugiu.

[relativas clivadas com antecedente expresso, restritivas]

(26) O senhor que **é que** assaltou o armazém fugiu.

(27) O senhor e a senhora que **é que** assaltaram o armazém fugiram.

⁹ Realçamos que em (23a) o valor de exaustividade é reforçado pela ocorrência do operador de exclusão *só*. Contudo, como se pode observar na frase (24a), a ocorrência deste operador não é determinante para a construção do valor de exaustividade.

3.2. Relativas clivadas sem antecedente expresso

No que diz respeito às relativas clivadas sem antecedente expresso, a hipótese que colocamos é a de que nestas construções o morfema-wh ganha valor de exaustividade.

Um dos argumentos que suporta esta hipótese é o facto de ser possível criar paráfrases em PES com os advérbios *precisamente/exatamente*, mas não com a expressão *mais ou menos*, como se ilustra em (28b) e (29b).¹⁰ Pelo contrário, nas relativas não clivadas, os dois tipos de expressões podem ocorrer, como se ilustra na paráfrase em (30b).

- (28) a. todos vão empregar aquela palavra aonde **é que** não faz sentido, aonde é que não tem lugar. (CORDIAL-PAL)
b. ‘todos vão empregar aquela palavra **precisamente/exatamente/*mais ou menos** onde não faz sentido’
- (29) a. Quando **foi que** ele morreu, depois quando se ele mortallhou... (CORDIAL-COV)
b. ‘**Precisamente/*mais ou menos** quando ele morreu, depois quando se ele mortallhou...’
- (30) a. Quando ele morreu ...
b. ‘**Precisamente/mas ou menos** quando ele morreu’

Por vezes, e uma vez que a oração relativa é ela própria um constituinte, a interpretação de identificação exaustiva pode também ser parafraseada por uma clivada de *é que* (como em 31b, 32b e 33b). Note-se que, neste caso, não parece ser apenas o constituinte que ocorre à esquerda de *é que* que é interpretado como foco (contrastivo), mas sim toda a oração relativa.¹¹

¹⁰ Confronte-se ainda o exemplo (18) acima, com ocorrência de *mesmo*, em que o valor de exaustividade sobre o morfema *onde* é equivalente aos das paráfrases apresentadas em (28b) e (29b).

¹¹ É interessante notar a este respeito que têm sido referidos na literatura outros casos em que não há coincidência entre o constituinte clivado e o constituinte que é interpretado como foco (contrastivo) (cf. Santos, 2006; Vercauteren, 2010). Veja-se o exemplo em (i), retirado de Vercauteren (2010, p. 41), em que o valor de contraste não se encontra associado apenas ao constituinte clivado (*i.e.*, *o meu carro*), mas a toda a frase, gerando uma leitura de contraste de situação:

(i) a. Faltaste à reunião porque estavas doente?

b. Não, o meu carro é que teve uma avaria (O que aconteceu é que o meu carro teve uma avaria).

- (31) a. Quem **é que** tinha matado aquele bicho, casava com a filha. (CORDIAL-PIC)
 b. ‘quem/aquele que tinha matado aquele bicho é que casava com a filha’
- (32) a. Pegavam depois nessas pipas e punham em cima duma (...) dessas carretas e onde **é que** houvesse água, um tanque ou um poço, ou um depósito qualquer que tivesse água, enchiam essa bilha (CORDIAL-LUZ)
 b. ‘onde houvesse água (...) é que enchiam essa bilha’
- (33) a. que eu vou à lenha quando **é que** fizer falta. (CORDIAL-PAL)
 b. ‘quando fizer falta é que eu vou à lenha’

Em suma, a ideia subjacente a esta proposta é a de que o valor de exaustividade é o que de facto distingue as relativas clivadas das relativas não clivadas. Este valor, por sua vez, pode estar associado a diferentes elementos, consoante se trate de relativas com ou sem antecedente expesso. Assim, nas relativas com antecedente expesso, o antecedente expressa identificação exaustiva, enquanto nas relativas sem antecedente expesso é o próprio morfema-wh que adquire o valor de exaustividade.¹²

4. Análise sintática das relativas clivadas

Nesta secção, avançamos com uma proposta para a estrutura das relativas clivadas. Num primeiro momento, apresentamos de forma breve as principais linhas de análise que têm sido propostas na literatura para as construções clivadas em PE (cf. secção 4.1.). De seguida, mostramos que, nas relativas clivadas, *é que* não envolve lexicalização de C° (cf. secção 4.2.). Em alternativa, sugerimos uma análise das relativas clivadas que combina uma análise das orações relativas em termos de *elevação do núcleo* com uma análise de clivagem de *é que* segundo a qual o verbo *ser* selecciona uma oração pequena que tem como sujeito uma categoria vazia e como predicado um CP introduzido pelo complementador *que* (sendo do interior deste CP que é extraído o antecedente da relativa) (cf. secção 4.3.). Por fim, apresentamos algumas predições da análise que propomos (cf. secção 4.4.).

¹² A evidência discursiva para a natureza exaustiva das relativas clivadas proposta nesta secção advém de dados extraídos do CORDIAL-SIN, dados de produção espontânea, que foram pontualmente testados junto de um falante da variedade de PAL (Alte, Faro). No entanto, esperamos em trabalho futuro poder reforçar a evidência empírica para esta hipótese, consultando um grupo mais alargado de falantes das variedades que permitem estas estruturas.

4.1. Propostas para a análise de clivadas em PE

Para o PES, têm surgido algumas propostas que procuram derivar as diferentes construções clivadas a partir de uma única configuração sintática. Deste modo, segundo Costa e Duarte (2001), nas estruturas clivadas, *ser* seleciona uma oração pequena que tem como sujeito uma relativa sem antecedente expresso:

- (34) [IP ser [SC [CP {o que/OP que} o João comeu] [DP o bolo]]]

Ambar (1997, 2005) também propõe uma estrutura que envolve uma oração pequena. Porém, neste caso, esta oração tem como sujeito uma categoria vazia (representada por *e* em (35)) e como predicado uma oração introduzida por *que*, na qual é gerado o constituinte clivado:

- (35) [IP [I' [vP ser [SC e [CP que [IP]]]]]] (Ambar, 2005)

Relativamente às clivadas de *é que*, as análises sintáticas também divergem. Costa e Duarte (2001) consideram que a expressão *é que* sofreu um processo de reanálise (*i.e.*, o complementador *que* do CP que é sujeito da oração pequena é incorporado no verbo *ser*, passando *é que* a funcionar como um morfema único que ocorre em I°):

- (36) [IP [DP o bolo]_i é que [SC [CP Op o João comeu] t_i]]

Para Ambar (2005), *que* incorpora em *é*, lexicalizando o domínio de vP. Em Lobo (2006), Soares (2006), Costa e Lobo (2009) e Lobo, Santos e Soares (2012), as clivadas de *é que* são consideradas frases simples, em que *é que* lexicaliza C°.

Tendo em conta que as clivadas de *é que* podem exibir concordância temporal, surgiu também na literatura uma proposta não unificada para derivar estas construções. Assim, Vercauteren (2010) propõe que, quando não há concordância temporal entre o verbo *ser* e o verbo principal, *é que* lexicaliza C°; por sua vez, quando esta concordância ocorre, *ser* é um verbo pleno que projeta a sua própria categoria IP e seleciona um CP.

4.2. Relativas clivadas em VNSP: uma hipótese

Neste trabalho, propomos que *é que* não é uma lexicalização de C° quando ocorre em relativas clivadas. Esta nossa hipótese encontra suporte em dois argumentos essenciais: (i) existência de concordância temporal entre o verbo copulativo e o verbo da relativa; (ii) duplo preenchimento de C° em relativas introduzidas por complementador.

No que diz respeito à concordância temporal entre o verbo copulativo e o verbo da relativa, é difícil defender a ideia de que o verbo *ser* e o complementador *que* se encontram lexicalizados num núcleo funcional, uma vez que o tempo que ocorre no verbo copulativo pode não ser o presente (*i.e.*, o tempo por defeito), mas antes o tempo da oração relativa, como se observa em (37)-(45)¹³.

- (37) Isto chamava-se a sega - uma sega -, que **era que** cortava a leiva (CORDIAL-MTM)
- (38) Que não podia levar sacas grandes, de cinquenta quilos, que **era que** se traziam. (CORDIAL-PFT)
- (39) Então, o linho era semeado e depois - aquilo, é claro, era semeado basto; e era uma coisa basta -, e depois era colhido. Quando **era que** estava feito, que deitava a semente - tinha a semente, deitava a flor na ponta -, deitava a semente e depois aquilo era colhido e era posto assim às mancheias. (CORDIAL-CBV)
- (40) Quando **foi que** ele morreu, depois quando se ele mortalhou, ia-se a pentear e ele largava (...) bocados de pele e de cabeça. (CORDIAL-COV)
- (41) e então guarda-se lá dentro e quando **for que** seja preciso ter que botar cá fora, já está a eira para deitar cá fora. (CORDIAL-FIS)
- (42) Lá começámos a ir, lá andávamos quando **foi que** o meu filhinho morreu. (CORDIAL-GRJ)
- (43) Olhe que há muitos cá, que há aí muitos que levantam falsos testemunhos. Quando **foi que** a minha casinha se queimou, olhe, levantaram-me que nós que éramos comunistas. (CORDIAL-GRJ)

¹³ Um revisor anónimo refere que o argumento baseado na concordância temporal deve ser usado de forma mais cautelosa, dada a existência de sequências como *que é que foi que*. Note-se, porém, que a recursividade de *é que* não é atestada nas relativas clivadas do CORDIAL-SIN, mas sim noutras construções (*e.g.*, nas interrogativas), que estão fora do escopo deste trabalho.

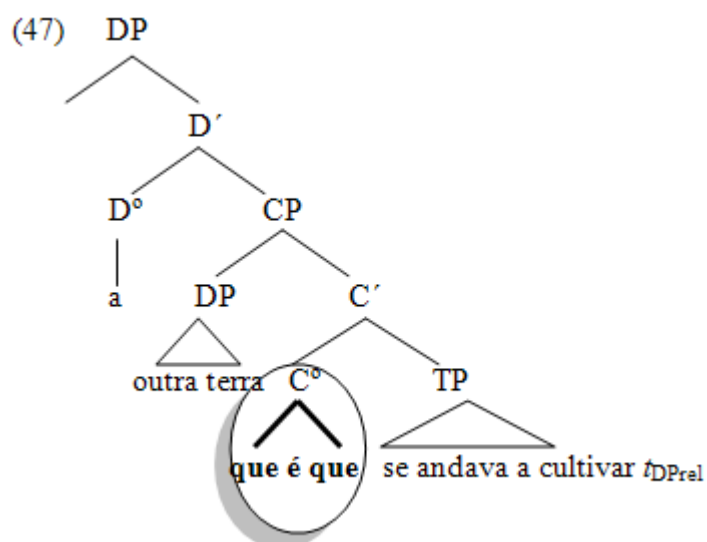
- (44) Depois quando **era que iam** lá no Espírito Santo, iam lá as procissões todas, não era? (CORDIAL-GRJ)
- (45) ele pegava no carneiro e passava por cima das passadeiras, ou por aqui ou por ali, lá como **era que** ele podia. (CORDIAL-CBV)

Como foi referido, o segundo argumento que pode ser aduzido contra uma análise de *é que* enquanto lexicalização de C° é o duplo preenchimento de C° em relativas introduzidas por complementador. Assumindo a análise *standard* das relativas de sujeito e de objeto, em que se propõe que o introdutor da relativa (*que*) é um complementador e não um morfema-wh (Kayne, 1976; Cinque, 1978, 1982; Brito, 1991, 1995, e.o.), consideramos que, se *é que* lexicalizasse C°, teria de ocorrer num C° já preenchido pelo complementador *que*, o que tornaria C° uma categoria bicéfala¹⁴. Veja-se a estrutura em (47), para enunciados como os de (46):

- (46) Depois com as lavouras, aquilo ainda começava a criar um coiso, (...) assim um lombo, (...) diferente da outra terra que **é que** se andava a cultivar. (CORDIAL-CBV)

¹⁴ Não se confunda aqui esta impossibilidade de ocorrência em C° com o Filtro do Comp Duplamente Preenchido, proposto por Chomsky e Lasnik (1977). O Filtro do Comp Duplamente Preenchido exclui a coocorrência em C (atualmente, em CP) de um morfema-wh e de um complementador realizado e era um instrumento que servia essencialmente para dar conta da impossibilidade de as orações relativas terem um operador-wh a coocorrer com um complementador realizado. Por essa razão, o apagamento do complementador em C° justificava-se para satisfazer o filtro. No entanto, sabe-se hoje que este filtro não é universal, havendo línguas que permitem a coocorrência de morfemas-wh e complementadores realizados (em CP).

Note-se, porém, que neste artigo não é esta a questão que está envolvida. Neste caso, o que pretendemos mostrar é que o mesmo nó (C°) não pode hospedar dois elementos distintos: *que* e *é que*, o que é diferente da problemática do Filtro do Comp Duplamente Preenchido.



4.3. Proposta de análise das relativas clivadas em VNSP

Relativamente à representação sintática das relativas clivadas em VNSP, propomos uma estrutura que combina:

- uma análise das orações relativas em termos de *elevação do núcleo* (tanto para as relativas com antecedente exposto (cf. Kayne 1994; Bianchi 1999), como para as relativas sem antecedente exposto (cf. De Vries, 2006));

- uma análise das estruturas clivadas segundo a qual o verbo *ser* seleciona uma oração pequena que tem como sujeito uma categoria vazia e como predicado um CP introduzido por *que* (sendo do interior deste CP que é extraído o antecedente da relativa).

Como se pode observar em (48), o DP relativo é movido, num primeiro momento, para Spec do CP que funciona como predicado da oração pequena, onde verifica o traço [+ FOC]. De seguida, move-se para Spec do CP relativo, de forma a verificar o traço [+ WH]. Através desta derivação, obtém-se o resultado desejado: o mesmo constituinte é, simultaneamente, antecedente da oração relativa e constituinte clivado.

[Relativas com antecedente exposto]

(48) [DP o [CP [DPrel **senhor**_{NP} [Drel' Ø *t*_{NP}]] [C' que [IP é [SC *ec* [CP *t*_{DPrel} [C° que [IP *t*_{DPrel} tinha muitas abelhas]]]]]]]]]

Para relativas clivadas sem antecedente expresso, orações estruturalmente muito semelhantes às relativas com antecedente expresso que envolvem um antecedente nominal nulo (cf. Brito, 1991; Mória, 1992), propõe-se uma análise equivalente. Seguindo a proposta de De Vries (2006), assumimos que as orações relativas sem antecedente expresso também envolvem elevação do núcleo. A única diferença relativamente à estrutura das relativas com antecedente expresso reside na estrutura interna do DP relativo. Assim, enquanto as relativas com antecedente expresso envolvem um NP (e opcionalmente um D externo) com realização lexical, as relativas sem antecedente expresso envolvem necessariamente um NP (e um D externo) sem realização lexical. Assim, tal como proposto em (49) — para um enunciado como (4) acima —, é possível, também para as relativas sem antecedente expresso, postular dois movimentos do DPrel, motivados pelas razões aduzidas para (48):¹⁵

[Relativas sem antecedente expresso]

- (49) [DP Ø [CP [DPrel ØNP [quem t_{NP}]]] [C' C° [IP é [SC^{ec} [CP t_{DPrel} [C° que [IP t_{DPrel} tinha matado aquele bicho]]]]]]]]]

Resumindo, a partir da combinação de uma análise das orações relativas em termos de elevação do núcleo com uma análise das estruturas de clivagem que envolve uma oração pequena e extração do constituinte clivado do interior do CP, é possível derivar a estrutura das relativas clivadas com e sem antecedente expresso, bem como as propriedades discursivas que lhes estão associadas.

4.4. Predições da análise

A análise das relativas clivadas proposta na secção 4.3. permite fazer, pelo menos, três predições, que os dados corroboram: (i) adjacência estrita entre *é* e *que*;

¹⁵ Para não complexificar demasiado a apresentação das estruturas, optámos por simplificar a estrutura em (49), salientando o paralelo entre as relativas com e sem antecedente expresso. Contudo, é de notar que, para De Vries (2006), o pronome relativo que ocorre nas relativas sem antecedente expresso não corresponde apenas à realização de Drel, mas antes ao Spell-out de um complexo formado pela incorporação de [N+Drel] no determinante externo. Ou seja, segundo o autor, num primeiro momento, N move-se para Drel; de seguida, DPrel é movido para SpecCP e o complexo [N+Drel] move-se para o determinante externo. É o Spell-out desta amálgama que dá origem aos pronomes que introduzem as orações sem antecedente expresso. Note-se que, na análise que aqui propomos, este mecanismo é também crucial para perceber por que razão, nas relativas sem antecedente expresso, é o próprio morfema-wh (e não o antecedente) que ganha valor de exaustividade (cf. secção 3.2.).

(ii) coocorrência das clivadas de *é que* com outras estratégias de clivagem; (iii) não ocorrência de cópula nula nas relativas clivadas em PB.

A análise que propomos prediz a adjacência estrita entre *é* e *que* nas relativas clivadas,¹⁶ dado que a posição de Spec do CP (predicado da oração pequena selecionada por *ser*) é um local de poiso do DP relativo para verificação do traço formal [+FOC]. E, de facto, os dados confirmam que a adjacência entre *é* e *que* nunca é interrompida nas relativas clivadas.¹⁷

A análise aqui proposta também prediz que as clivadas de *é que* possam coocorrer com outras estratégias de clivagem¹⁸, bastando para isso postular que o DP que contém a oração relativa clivada (com ou sem antecedente) pode estar integrado numa outra estrutura de clivagem, que, recursivamente, envolve outro verbo *ser* (que, por sua vez, seleciona uma oração pequena). De facto, os dados em (50)-(53), repetidos de (19) a (22) acima, confirmam esta possibilidade:

[com pseudoclivadas]

(50) A cagarra onde **é que** vai ver o peixe é de dia, não é de noite. (CORDIAL-CLC)

(51) Onde **é que** está mais encapelado, em geral, é nas pontas. (CORDIAL-VPA)

[com pseudoclivadas invertidas]

(52) E nas pontas é onde **é que** o mar se encapela mais. (CORDIAL-VPA)

(53) No ninheiro é onde **é que** ela costuma a pôr. (CORDIAL-PAL)

Finalmente, segundo Kato *et al.* (1996), em PB há interrogativas focalizadas e clivadas “sem cópula” (*i.e.*, com apenas *que*), como em (54) e (55), respetivamente.

(54) Como **que** a Maria veio? (Kato *et al.*, 1996, p. 310)

¹⁶ Note-se que esta adjacência entre *é* e *que* foi usada como argumento a favor de *é que* como lexicalização de C° por Costa e Lobo (2009).

¹⁷ Note-se que a posição de Spec do CP que funciona como predicado da oração pequena selecionada por *ser* pode ser ocupada por outros constituintes em relativas não clivadas como (i). Porém, neste caso, não é o antecedente da relativa que é clivado, mas sim o constituinte *agora*. Dado que o antecedente da relativa não tem o traço [+FOC], não vai ocupar a posição do SpecCP que funciona como predicado da oração pequena, deixando essa posição livre.

(i) Há uma proposta em cima da mesa que **é agora** que deve ser discutida.

¹⁸ A possibilidade de combinação de clivadas de *é que* com outras construções de clivagem é também usada como argumento a favor de *é que* como lexicalização de C° por Costa e Lobo (2009).

(55) Eu **que** entro. (Kato *et al.*, 1996, p. 309)

De acordo com a análise proposta pelos autores, esta construção de “focalização/clivagem sem cópula” envolve o apagamento da cópula na expressão lexicalizada *é que* que se encontra em C°. Ora, se as relativas clivadas também envolvessem a lexicalização de *é que* em C°, seria de esperar que nessas relativas se apagasse igualmente a cópula. Porém, os dados disponíveis não sustentam esta predição. Nos dados do NURC-BR¹⁹, em 3.539.770 palavras, não se encontram atestações de relativas clivadas com *wh-/que que*, o que parece sustentar a hipótese de que *é que* não é uma forma lexicalizada em C°.

(56) mas tem muitas pessoas que **é que** vai realmente na escola não prá aprende prá fica falando um do outro (Alexandre, 2006, p. 109)

(57) os dois comiam uns pezinhos de liamba, conhecida por outros como fumo-de-angola, aliás maconha - o que **é que** estamos escondendo -, que aqui nasce feito mato (NURC-BR, L0638)

5. Considerações finais

Como acontece com a generalidade das análises sintáticas propostas na literatura, a análise apresentada neste artigo assume alguns pressupostos que podem ser contestados, caso se assumam análises diferentes para as construções da língua.²⁰

Contudo, seja qual for o caminho que queiramos seguir, com este estudo ficou demonstrado que as relativas clivadas constituem um objeto de estudo aliciante e pouco explorado. Por essa razão, há questões que os dados suscitam, que valerá a pena aprofundar em trabalhos futuros, nomeadamente:

¹⁹ Base de dados consultável a partir de

<http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/crpcweb23/index.php?thisQ=restrict&uT=y>.

Neste *corpus* ocorrem 6 interrogativas e 2 completivas com a sequência *wh-/que que*, como em (i) e (ii), respetivamente.

(i) “O **que que** foi, minha filha? **Que que** você vaio fazer aqui? (NURC-BR, L0693)

(ii) É de crer **que que** D. Plácida não falasse ainda quando nasceu... (NURC-BR, L0292)

²⁰ Por exemplo, se, na linha de Chomsky (2008), se assumir que C° tem traços de tempo, poder-se-á considerar que a ocorrência de outros tempos para além do presente nas relativas clivadas é compatível com a hipótese de lexicalização de C°, tal como se propõe para as interrogativas (*e.g.*, *Quem foi que bateu à porta?*). Para além disso, se se considerar que o morfema *que* que introduz relativas restritivas de sujeito e objeto é um morfema-*wh* (portanto, em [Spec,CP]) e não um complementador, fica a posição de C° disponível para *é que*.

(i) Por que razão o morfema que ocorre mais frequentemente nas relativas clivadas é *onde*?

(ii) Por que razão as relativas clivadas ocorrem mais frequentemente em relativas sem antecedente expresso?

(iii) Que restrições semânticas são impostas ao núcleo das relativas clivadas?

(iv) Como explicar o contraste entre o PES e as VNSP quanto à possibilidade de ocorrência de relativas clivadas? Estarão as diferenças entre PES e VNSP relacionadas com a especificação de diferentes valores nos traços formais dos elementos-wh?

Em suma, mediante a resposta a esta e a outras questões, será possível determinar o contributo deste “novo” tipo de relativas para a discussão teórica acerca das construções-wh.

Referências bibliográficas:

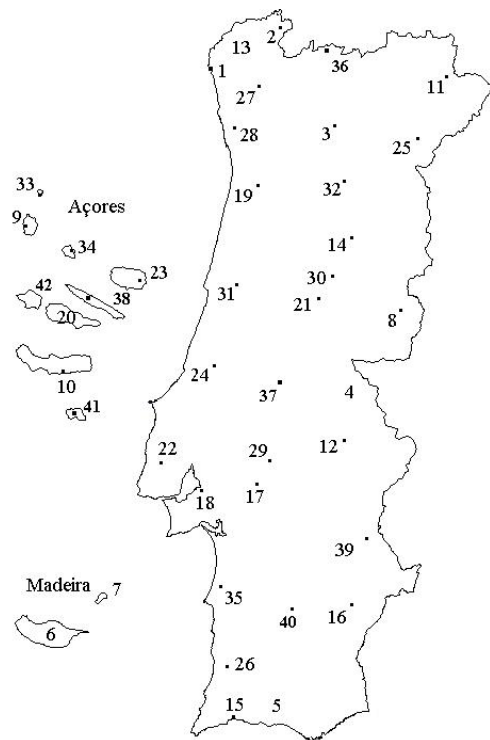
- Alexandre, Nélia (2006) Estruturas em movimento: alguns tópicos sobre as construções-Q e de clivagem. In *Letras de Hoje* 41 (1), pp. 99-119.
- Ambar, Manuela (1997) The syntax of focus – a unified approach. Ms, Universidade de Lisboa.
- _____ (2005) Clefts and tense asymmetries. In Anna Maria Di Sciullo (ed.) *UG and External Systems. Language, brain and computation*. Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins, pp. 95-127.
- Bianchi, Valentina (1999) *Consequences of Antisymmetry: Headed Relative Clauses*. Berlim: Mouton de Gruyter.
- Brito, Ana. M. (1991) *A Sintaxe das Orações Relativas em Português. Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. Porto: INIC/CLUP.
- _____ (1995) As Orações Relativas Restritivas nas Variantes Culta e Oral em Quatro Línguas Românicas, com Especial Incidência em Português. *Lusorama* 27, pp. 70-81.
- Cardoso, Adriana (2007) Cleft relatives. Ms, Universidade de Lisboa.
- Chomsky, Noam (2008) On Phases. In Rorbert Freidin, Carlos Otero e Maria Luisa Zubizarreta (eds.) *Foundational Issues in Linguistic Theory: Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 133-166.
- Chomsky, Noam & Howard Lasnik (1977) Filters and Control. *Linguistic Inquiry* 8, pp. 425-504.
- Cinque, Guglielmo (1978) La sintassi dei pronomi relativi 'cui' e 'quale' nell'italiano moderno. *Rivista di grammatica generativa* 3, pp. 31-126.
- _____ (1982) On the theory of Relative Clauses and Markedness. *The Linguistic Review* 1, pp. 247-294.
- CORDIAL-SIN (*Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects*), disponível em www.clul.ul.pt.
- Costa, João & Inês Duarte (2001) Minimizando a Estrutura: Uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português. In Clara Correia e Anabela Gonçalves (eds.) *Actas do XVI ENAPL*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 627-638.

- Costa, João & Maria Lobo (2009) Estruturas clivadas: evidência dos dados do português europeu não-*standard*. In *Anais do Congresso Internacional da Abralin - João Pessoa – 2009*. João Pessoa: Universidade Federal do Paraná, v. 2. pp. 3800-3806.
- Duarte, Inês (2000) Sobre Interrogativas-Q em Português Europeu e Português Brasileiro. Comunicação apresentada no Congresso Internacional *500 anos da Língua Portuguesa no Brasil*. Évora, 8-13 de maio.
- Ferreira, Sílvia (2007) *Sobre a Função e a Forma de Alguns Subtipos Especiais de Orações Relativas sem Antecedente Expresso do Português*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- Jacobson, Pauline (1995) On the quantificational force of English free relatives. In Emmon Bach, Eloise Jelinek, Angelika Kratzer e Barbara Partee (eds.) *Quantification in Natural Languages*. Dordrecht: Kluwer, pp. 451-486.
- Kato, Mary, Maria L. Braga, Vilma Corrêa, Maria A. Rossi & Nilmara Sikansi (1996) As construções-Q no Português Brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In Ingedore Koch (org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, pp. 303-368.
- Kayne, Richard (1976) French Relative ‘Que’. In Frederick Hensey e Marta Luján (eds.) *Current Studies in Romance Linguistics*. Washington, D.C: Georgetown University Press, pp. 255–299.
- _____. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Kiss, Katalin É (1998) Identificational Focus versus Information Focus. *Language*, 74 (2), pp. 245-273.
- _____. (1999) The English Cleft Construction as a Focus Phrase. In Lunella Mereu (ed.) *Boundaries of Morphology and Syntax*. Amesterdão: John Benjamins, pp. 217-229.
- Lobo, Maria (2006) Assimetrias em construções de clivagem em português: movimento vs geração na base. In Fátima Oliveira e Joaquim Barbosa (org.) *Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 457-473
- Lobo, Maria, Ana L. Santos & Carla Soares (2012) Aquisição de estruturas clivadas no português europeu: produção espontânea e induzida. In Armada Costa, Cristina Flores e Nélia Alexandre (orgs.) *Textos Seleccionados do XXVII ENAPL*. Lisboa: APL, pp. 319-339.
- Móia, Telmo (1992) *A Sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente Expresso do Português*, Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- _____. (2001) Aspectos Sintático-Semânticos das Orações Relativas com *quando* e *como*. In Clara Correia e Anabela Gonçalves (orgs.) *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 349-361.
- Munaro, Nicola & Jean-Yves Pollock (2005) Qu’est-ce que (Qu)-est-ce-que? – a case study in comparative romance interrogative syntax. In Guglielmo Cinque e Richard Kayne (eds.) *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*. New York: OUP, pp. 542-606.
- Santos, Ana. L. (2006) *Minimal Answers: Ellipsis, Syntax and Discourse in the Acquisition of European Portuguese*, Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Soares, Carla (2006) La syntaxe de la peripherie gauche en portugais europeen et son acquisition. Dissertação de doutoramento, Université de Paris VIII.

- Vercauteren, Aleksandra (2010) *Como é que é com o é que? Análise de Estruturas com é que em Variedades não Standard do Português Europeu*. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Vries, Mark de (2006) The syntax of appositive relativization: on specifying coordination, false free relatives, and promotion. *Linguistic Inquiry* 37 (2), pp. 229-270.

Anexo 1

Lista de localidades/microrregiões do CORDIAL-SIN



| | | | | | |
|----|-----|---|----|-----|----------------------------------|
| 01 | VPA | Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo) | 22 | EXB | Enxara do Bispo (Lisboa) |
| 02 | CTL | Castro Laboreiro (Viana do Castelo) | 23 | TRC | Fontinhas (Angra do Heroísmo) |
| 03 | PFT | Perafita (Vila Real) | 24 | MTM | Moita do Martinho (Leiria) |
| 04 | AAL | Castelo de Vide, Porto da Espada, S. Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre) | 25 | LAR | Larinho (Bragança) |
| 05 | PAL | Porches, Alte (Faro) | 26 | LUZ | Luzianes (Beja) |
| 06 | CLC | Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal) | 27 | FIS | Fiscal (Braga) |
| 07 | PST | Camacha, Tanque (Funchal) | 28 | GIA | Gião (Porto) |
| 08 | MST | Monsanto (Castelo Branco) | 29 | STJ | Santa Justa (Santarém) |
| 09 | FLF | Fajãzinha (Horta) | 30 | UNS | Unhais da Serra (Castelo Branco) |
| 10 | MIG | Ponta Garça (Ponta Delgada) | 31 | VPC | Vila Pouca do Campo (Coimbra) |
| 11 | OUT | Outeiro (Bragança) | 32 | GRJ | Granjal (Viseu) |
| 12 | CVB | Cabeço de Vide (Portalegre) | 33 | CRV | Corvo (Horta) |
| 13 | MIN | Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria (Viana do Castelo) | 34 | GRC | Graciosa (Angra do Heroísmo) |
| 14 | FIG | Figueiró da Serra (Guarda) | 35 | MLD | Melides (Setúbal) |
| 15 | ALV | Alvor (Faro) | 36 | STA | Santo André (Vila Real) |
| 16 | SRP | Serpa (Beja) | 37 | MTV | Montalvo (Santarém) |
| 17 | LVR | Lavre (Évora) | 38 | CLH | Calheta (Angra do Heroísmo) |
| 18 | ALC | Alcochete (Setúbal) | 39 | CPT | Carrapatelo (Évora) |
| 19 | COV | Covo (Aveiro) | 40 | ALJ | Aljustrel (Beja) |
| 20 | PIC | Bandeiras, Cais do Pico (Horta) | 41 | STE | Santo Espírito (Ponta Delgada) |
| 21 | PVC | Porto de Vacas (Coimbra) | 42 | CDR | Cedros (Horta) |